



Lucas Rodrigues Oliveira
org.

educação
DILEMAS CONTEMPORÂNEOS
Volume XII



Pantanal Editora

2022



Lucas Rodrigues Oliveira
Organizador

Educação: dilemas contemporâneos
Volume XII



Pantanal Editora

2022

Copyright© Pantanal Editora

Editor Chefe: Prof. Dr. Alan Mario Zuffo

Editores Executivos: Prof. Dr. Jorge González Aguilera e Prof. Dr. Bruno Rodrigues de Oliveira

Diagramação: A editora. **Diagramação e Arte:** A editora. **Imagens de capa e contracapa:** Canva.com. **Revisão:** O(s) autor(es), organizador(es) e a editora.

Conselho Editorial

Grau acadêmico e Nome

Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
Prof. MSc. Adriana Flávia Neu
Prof. Dra. Allys Ferrer Dubois
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior
Prof. MSc. Aris Verdecia Peña
Prof. Arisleidis Chapman Verdecia
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva
Prof. Dr. Bruno Gomes de Araújo
Prof. Dr. Caio Cesar Enside de Abreu
Prof. Dr. Carlos Nick
Prof. Dr. Claudio Silveira Maia
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos
Prof. Dr. Cristiano Pereira da Silva
Prof. Ma. Dayse Rodrigues dos Santos
Prof. MSc. David Chacon Alvarez
Prof. Dr. Denis Silva Nogueira
Prof. Dra. Denise Silva Nogueira
Prof. Dra. Dennyura Oliveira Galvão
Prof. Dr. Elias Rocha Gonçalves
Prof. Me. Ernane Rosa Martins
Prof. Dr. Fábio Steiner
Prof. Dr. Fabiano dos Santos Souza
Prof. Dr. Gabriel Andres Tafur Gomez
Prof. Dr. Hebert Hernán Soto Gonzáles
Prof. Dr. Hudson do Vale de Oliveira
Prof. MSc. Javier Revilla Armesto
Prof. MSc. João Camilo Sevilla
Prof. Dr. José Luis Soto Gonzales
Prof. Dr. Julio Cezar Uzinski
Prof. MSc. Lucas R. Oliveira
Prof. Dra. Keyla Christina Almeida Portela
Prof. Dr. Leandro Argentel-Martínez
Prof. MSc. Lidiene Jaqueline de Souza Costa Marchesan
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann
Prof. MSc. Marcos Pisarski Júnior
Prof. Dr. Marcos Pereira dos Santos
Prof. Dr. Mario Rodrigo Esparza Mantilla
Prof. MSc. Mary Jose Almeida Pereira
Prof. MSc. Núbia Flávia Oliveira Mendes
Prof. MSc. Nila Luciana Vilhena Madureira
Prof. Dra. Patrícia Maurer
Prof. Dra. Queila Pahim da Silva
Prof. Dr. Rafael Chapman Auty
Prof. Dr. Rafael Felipe Ratke
Prof. Dr. Raphael Reis da Silva
Prof. Dr. Renato Jaqueto Goes
Prof. Dr. Ricardo Alves de Araújo (*In Memoriam*)
Prof. Dra. Sylvana Karla da Silva de Lemos Santos
MSc. Tayronne de Almeida Rodrigues
Prof. Dr. Wéverson Lima Fonseca
Prof. MSc. Wesclen Vilar Nogueira
Prof. Dra. Yilan Fung Boix
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme

Instituição

OAB/PB
Mun. Faxinal Soturno e Tupanciretã
UO (Cuba)
IF SUDESTE MG
Facultad de Medicina (Cuba)
ISCM (Cuba)
UFESSPA
UEA
UNEMAT
UFV
AJES
UFGD
UEMS
IFPA
UNICENTRO
IFMT
UFMG
URCA
ISEPAM-FAETEC
IFG
UEMS
UFF
(Colômbia)
UNAM (Peru)
IFRR
UCG (México)
Mun. Rio de Janeiro
UNMSM (Peru)
UFMT
Mun. de Chap. do Sul
IFPR
Tec-NM (México)
Consultório em Santa Maria
UFJF
UEG
FAQ
UNAM (Peru)
SEDUC/PA
IFB
IFPA
UNIPAMPA
IFB
UO (Cuba)
UFMS
UFPI
UFG
UEMA
IFB
UFPI
FURG
UO (Cuba)
UFT

Conselho Técnico Científico

- Esp. Joacir Mário Zuffo Júnior
- Esp. Maurício Amormino Júnior
- Lda. Rosalina Eufrausino Lustosa Zuffo

Ficha Catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E24	Educação [livro eletrônico]: dilemas contemporâneos: volume XII / Organizador Lucas Rodrigues Oliveira. – Nova Xavantina, MT: Pantanal, 2022. 148p. : il.
	Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web ISBN 978-65-81460-40-2 DOI https://doi.org/10.46420/9786581460402
	1. Educação. 2. Aprendizagem. 3. Gestão escolar. I. Oliveira, Lucas Rodrigues.
	CDD 370.1
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	



Nossos e-books são de acesso público e gratuito e seu download e compartilhamento são permitidos, mas solicitamos que sejam dados os devidos créditos à Pantanal Editora e também aos organizadores e autores. Entretanto, não é permitida a utilização dos e-books para fins comerciais, exceto com autorização expressa dos autores com a concordância da Pantanal Editora.

Pantanal Editora

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000.
Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil.
Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp).
<https://www.editorapantanal.com.br>
contato@editorapantanal.com.br

Apresentação

Os processos educativos estão sob constante reflexão, principalmente agora, com a volta dos estudantes e profissionais da educação às aulas presenciais no Brasil – depois de quase dois anos de atividades educacionais remotas. É preciso dizer que sequelas desse período serão sentidas na educação brasileira, principalmente por conta das disparidades de condições de acesso dos estudantes aos recursos oferecidos nesse período. Nesse contexto, apresenta-se o décimo segundo volume da obra “Educação: dilemas contemporâneos”.

Formada por quinze capítulos, essa obra busca prosseguir com as discussões e reflexões acerca da educação nacional que, desde sempre, é composta por lacunas que precisam ser entendidas e preenchidas, para que todos indivíduos possam ter acesso a uma educação de qualidade, em todas as etapas e modalidades.

O primeiro capítulo trata dos jogos digitais como recurso pedagógico que podem contribuir para o processo de ensino e aprendizagem no ambiente escolar. O segundo capítulo abordará a questão da ludicidade na escola, mostrando como a aprendizagem significativa é relevante para os alunos e sua aprendizagem.

Há, ainda, capítulos que versarão sobre: as questões relacionadas ao ensino não presencial na durante a pandemia; as ciências naturais, na formação do professor pedagogo; a Educação do Campo e Neoliberalismo; as questões linguísticas de imigrantes; o ensino de Filosofia; as brincadeiras e cantigas na educação infantil; a formação docente e as Tics; a extensão universitária; a astronomia no ambiente escolar e hábitos midiáticos e a ressignificações de estudantes.

Os últimos capítulos dessa obra irão tratar do ensino híbrido, das relações entre saúde e educação, e, também, sobre as questões epistemológicas relacionadas à Educação Física. Como se vê, todos os textos são direcionados para questões intimamente relacionadas com o fazer pedagógico – que é algo muito complexo e essencial para o desenvolvimento dos estudantes.

Lucas Rodrigues Oliveira

Sumário

Apresentação	4
Capítulo 1	6
Jogos digitais: um recurso pedagógico que contribui para a fixação do conteúdo de função do 1º Grau	6
Capítulo 2	13
Ludicidade: um desafio ao docente contemporâneo	13
Capítulo 3	24
Ensino não presencial em tempos de Covid-19: sob a ótica dos estudantes do IFRR/ <i>Campus</i> Boa Vista Zona Oeste	24
Capítulo 4	33
Do pensar sobre “tudo” para o pensar as ciências naturais na formação em pedagogia	33
Capítulo 5	44
Educação do Campo e Neoliberalismo	44
Capítulo 6	54
Contato linguístico e suas interfaces existentes entre os imigrantes que chegam em Cuiabá	54
Capítulo 7	61
Técnica e estética no Ensino de Filosofia: experiências com objetos filosóficos no Ensino Médio Integrado do IFAL	61
Capítulo 8	75
A importância das brincadeiras antigas e das cantigas de roda na educação infantil	75
Capítulo 9	79
A formação docente no século XXI e as tecnologias da informação e comunicação (Tics)	79
Capítulo 10	83
Extensão universitária como ferramenta para o combate às verminoses	83
Capítulo 11	90
Uma mostra de Astronomia para o turno da noite	90
Capítulo 12	99
Hábitos midiáticos e ressignificações de estudantes da rede pública ⁱ	99
Capítulo 13	111
Práticas educacionais na perspectiva do ensino híbrido e remoto	111
Capítulo 14	117
Educação em Saúde: as práticas educativas aplicadas ao ensino de Ciências e Biologia no Brasil	117
Capítulo 15	132
Concepções epistemológicas da educação física e seu impacto na formação educacional	132
Índice Remissivo	147
Sobre o organizador	148

Técnica e estética no Ensino de Filosofia: experiências com objetos filosóficos no Ensino Médio Integrado do IFAL

Recebido em: 30/05/2022

Aceito em: 04/06/2022

 10.46420/9786581460402cap7

Josegley Andrade de Lucena^{1*} 

Tânia Rodrigues Palhano² 

INTRODUÇÃO

Atualmente, professores e estudantes da Educação Básica e Superior no Brasil demonstram preocupação com o futuro da Filosofia não apenas no ensino médio, mas também nos cursos profissionalizantes, em especial nos Institutos Federais, onde existem os cursos integrados, a junção do ensino médio com um curso técnico profissionalizante.

Apesar da ideologia neoliberal que assola a política brasileira estar a favor da exclusão do ensino de Filosofia na educação de uma maneira geral³, se considerarmos a redação da nova BNCC (Base Nacional Curricular Comum), que ainda apresenta muita nebulosidade em torno do futuro da Filosofia como unidade curricular do ensino médio em geral. Isto significa dizer que, primeiro, a BNCC não elabora diretrizes rígidas para configuração deste componente curricular nem muito menos o exclui do currículo. Segundo, embora afirme explicitamente não se constituir no currículo dessa fase formativa, a coloca na definição das suas aprendizagens essenciais. E, terceiro, esta base curricular permite que seja decidido nas instâncias estaduais e municipais e mesmo nas escolas ou Campus (se considerarmos os Institutos Federais) a inserção da Filosofia no currículo. Embora, o artigo 35-A da Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB, coloca a Filosofia na BNCC do ensino médio apenas como “obrigatoriamente estudos e práticas”, não mais como componente curricular.

¹ Doutorando em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professor EBTI Filosofia do Instituto Federal de Alagoas (IFAL).

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Líder do grupo ÁGORA estudos e pesquisa em filosofia e psicologia da educação.

* Autor de correspondência: josegleyal@gmail.com

³ Diversas declarações públicas tanto do antigo Ministro da Educação quanto do Presidente da República foram veiculadas. Conferir em:

<<https://josiasdesouza.blogosfera.uol.com.br/2019/04/08/universidade-nordestina-nao-deve-ensinar-filosofia-diz-novo-titular-do-mec/>> Notícia veiculada em 2019. Acesso em: 18/05/2022.; <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao-e-emprego/noticia/2019/04/bolsonaro-defende-proposta-do-ministro-da-educacao-de-tirar-dinheiro-de-cursos-de-filosofia-e-sociologia-cjuy2h0s001a501p75f1wv2ym.html>> Notícia veiculada em 2019. Acesso em: 18/05/2022.; <<https://www.apufsc.org.br/2020/06/15/weintraub-nao-querer-sociologo-antropologo-e-filosofo-com-meu-dinheiro/>> Notícia veiculada em 2019. Acesso em: 18/05/2022.

Sendo assim, o futuro da Filosofia ainda é incerto, pois, conforme preconiza os incisos I a IV da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB, Art. 35), em resumo: a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico; a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina (Brasil, 2017), essas finalidades para o ensino médio, ainda que possam ser feitas por todos os componentes curriculares, também há que se reconhecer uma área do saber na qual esse trabalho seja realizado com toda a especificidade que se requer e na qual se pode obter um maior grau de criticidade, como é o caso da Filosofia.

Uma outra questão pertinente é sobre a resistência de muitos docentes no sentido de que a Filosofia não faz parte apenas das Ciências Humanas, embora, para facilitar, ela é inserida não apenas na BNCC, mas também nos textos legais. O fato é que a Filosofia transcende aquela área de conhecimento, pois, do contrário, não haveria filosofia da linguagem, da arte, da matemática, das ciências [exatas], da biologia, da antropologia, etc. Isso abre um leque de possibilidades para o processo de ensino-aprendizagem em filosofia, porque oferece outros modelos formativos (laboratórios, exposições, oficinas, aulas de campo, etc.), que inclusive são mais utilizados pelos componentes curriculares de Ciências da Natureza e Matemática, mas que a nova BNCC torna abrangente para todos os outros componentes. Nisso há uma possibilidade forte de encontrar itinerários formativos em filosofia, até mesmo com um aporte de modernidade metodológica.

Como se já não bastasse todos estes empecilhos para boa prática docente em Filosofia na Educação Básica, especialmente nos Institutos Federais, o Plano Nacional do Livro Didático - PNLD, programa do Ministério da Educação - MEC, responsável pela distribuição de livros didáticos com o financiamento do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação - FNDE, trouxe, a partir do ano corrente, a integração das áreas de conhecimento em um único livro ou manual (no caso de professores). Isto significa que os “antigos” componentes curriculares se integrarão nas grandes áreas, ou seja, no caso da área de Ciências Humanas se integram Filosofia, Sociologia, História e Geografia. Assim, houve uma mudança significativa nas obras didáticas, uma vez que, anteriormente, cada componente ou disciplina possuía seu livro específico.

A partir de julho de 2021, quando as escolhas das obras começaram, já era perceptível a polêmica de tal decisão perante a implantação na nova BNCC, com base na nova legislação da LDB para o Novo Ensino Médio⁴, também foi perceptível a problemática que os docentes de todas as áreas tiveram que

⁴ A principal legislação do Novo Ensino Médio é a Lei 13.415, de 16 de fevereiro de 2017, que estabelece as alterações para o Novo Ensino Médio e também cria a política de fomento às escolas em tempo integral. Com relação ao Novo Ensino Médio, ela faz alterações na Lei de Diretrizes e Bases da Educação e em outras leis para, em resumo, permitir a oferta de itinerários formativos, alinhar os objetivos de aprendizagem do Ensino Médio à BNCC e expandir a carga horária da etapa para três mil horas até 2022. Conferir em:

<https://observatorio.movimentopelabase.org.br/a-legislacao-do-novo-ensino-medio/?gclid=Cj0KCQjwub-HBhCyARIsAPctr7xfNBEcn9JBj0LNIHK7VHaCNou9LIIDicBUjzIfsJPEly9oghCErUaAsGBEALw_wcB>

passar para conseguir “encontrar” nesses manuais integrados quais conteúdos fazem parte da sua formação inicial.

No caso de Filosofia o problema é ainda maior, pois de acordo com o Guia para a escolha do PNLD Objeto 2, do Ensino Médio⁵, das quatorze obras elencadas para escolha da área de Ciências Humanas apenas duas apresentam conteúdos explícitos de Filosofia. A desculpa das editoras e dos avaliadores das obras é que todos os assuntos das áreas foram inseridos de forma a dialogar umas com as outras, explorando assim as chamadas interdisciplinaridade e transdisciplinaridade. Porém, o que muitos não percebem é que grande parte dos professores da Educação Básica, Técnica, Tecnológica e inclusive Superior possui formação inicial numa única área de conhecimento e a escassez de formação continuada com vistas à implementação dos livros e manuais seria, no mínimo, um pré-requisito prudente a ser disponibilizado da parte do MEC.

Em parte, o que pode amenizar esse problema é a condição de autonomia que os docentes ainda possuem frente à disponibilidade do livro didático e dos manuais nas instituições de ensino, isto é, o docente não é obrigado a utilizar os conteúdos das obras distribuídas pelo governo, eles podem muito bem criar seu próprio material didático em consonância com a realidade local, seja por conta dos cursos oferecidos ou pela necessidade específica da comunidade escolar, coisa que muitas vezes os livros didáticos não disponibilizam.

FILOSOFIA ENQUANTO APLICAÇÃO OU CRIAÇÃO?

Afora as considerações de ordem legal para o exercício da docência em filosofia, o que se percebe, no sentido prático, ao menos no ensino Técnico e Tecnológico dos Institutos Federais, é que o ensino de Filosofia tem sido considerado apenas como uma mera aplicação e adaptação dos seus conteúdos para a transposição dos conteúdos das áreas técnicas, a depender do curso oferecido pelo campus, ou seja, o saber filosófico está sendo reduzido ao simples “saber fazer” tecnicista, sendo que, o mais importante seria defender um ideal da atividade filosófica como o trabalho que se interessa pelo saber por ele mesmo, trabalho daquele que se aproxima do saber, um *philos* [amigo] do saber.

Nessa problemática se inclui o estudante interessado pelo conhecimento não apenas para adquirir uma técnica necessária para manter ou ajudar a manter a condição econômica e social da família através da inserção no mercado de trabalho, mas também um discente que realmente se importe com sua formação integral, no seu aspecto técnico e humanitário, aqui incluídas as características científica, ética,

Acesso em: 18/05/2022.

⁵ Os professores foram orientados pelos gestores das instituições de ensino a acessarem o Guia para a escolha do PNLD Objeto 2, Ensino Médio através do portal oficial do FNDE no link a seguir: <<https://www.gov.br/fnde/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/programas-do-livro/pnld/escolha-pnld-2021-2013-objeto-2-areas-do-conhecimento>> Acesso em: 18/05/2022.

política e estética, esta última pela beleza que se busca na realização da vida em conjunto com a profissão, isto é, a realização humana através do trabalho e não por sua alienação.

A questão em pauta é considerar a técnica não como um conjunto de aparelhos ou um complexo instrumental que se dirija a uma determinada finalidade ou especialidade, mas sim a uma técnica voltada à ciência, como se fosse sua companheira, uma técnica que seja alocada também na arte (*téchne*, no sentido grego), assim como no campo da estética, da transformação do fazer humano em cultura.

Um dos problemas que assola a sociedade contemporânea é que tudo que fazemos possui uma íntima relação com a técnica, uma vez que, por ela somos impelidos e a lançamos diante de nós como nossa requisição e única possibilidade. Na era digital, por exemplo, o advento da tecnologia, considerada uma “filha” da técnica, tornou-nos totalmente dependentes dos apetrechos digitais, os quais estão sendo mais do que necessários nestes tempos pandêmicos, onde o distanciamento social tornou a tecnologia da informação o único meio de interação social. Na escola essa realidade não está sendo diferente, muito pelo contrário, tornou-se uma problemática de primeira grandeza, pois atualmente as prerrogativas de algumas pedagogias se renderam aos meios tecnológicos, obrigando-as, inclusive, a se autocriticar e se reinventar.

Com base nesses questionamentos e tendo em vista que os Institutos Federais são responsáveis por “desenvolver a educação profissional e tecnológica como processo educativo e investigativo de geração e adaptação de soluções técnicas e tecnológicas às demandas sociais e peculiaridades regionais” (Brasil, 2008), nos perguntamos: como o ensino de Filosofia pode contribuir na busca pelo aprimoramento da técnica nos Institutos Federais sem deixar de lado a percepção estética do trabalho e da vida, tendo em vista a conscientização dos discentes de que podem realizar uma transformação do fazer humano em cultura?

Uma possível resposta a essa questão é que a criação de objetos filosóficos pode auxiliar na percepção de um olhar mais crítico sobre a relação da técnica voltada à ciência, tendo como ponto-chave a inserção da estética filosófica para a conscientização dos estudantes de que podem realizar uma transformação do fazer humano em cultura, uma vez que, a urgência da técnica para as necessidades da sociedade contemporânea tem negligenciado a reflexão sobre o caráter estético do trabalho e da vida fazendo com que as instituições que ofertam educação técnica e tecnológica priorizem uma pedagogia voltada para um conjunto de instrumentos que se dirige apenas a uma determinada finalidade.

A intenção seria contribuir com o processo de ensino-aprendizagem dos Campi do Instituto Federal, ao mesmo tempo em que enseja uma melhoria no ensino de Filosofia dessas instituições de ensino, uma vez que, a inserção da filosofia prática⁶ dentro do ensino de Filosofia (algo que no Brasil

⁶ Pesquisas em torno da Filosofia Prática têm sido experimentadas em universidades estrangeiras. A Universidade do Egeu, na Grécia, possui o Laboratório de Pesquisas em Filosofia Prática, onde, por sinal, existe um projeto voltado para a construção de objetos filosóficos dentro da educação infantil. Conferir em:

<<http://practphilab.aegean.gr/philosophical-objects/>> Acesso em: 26/05/2022.

ainda deixa a desejar), possibilita uma inovação ao trabalho pedagógico, ao processo educativo e permite desvelar questões da experiência escolar ainda não vivenciadas.

Assim, nesse espaço, objetivamos a análise teórica da terminologia “criação de objetos filosóficos” e, logo em seguida, apresentamos algumas experiências em sala de aula com objetos criados pelos estudantes.

CRIAÇÃO DE OBJETOS FILOSÓFICOS

Os objetos filosóficos são, na verdade, uma transposição da obra artística, porém, com a caracterização de uma reflexão filosófica sobre o tema que eles abordam. Por isso, a fruição de quem os cria ou de quem os contempla, se dá não apenas pela estética que o objeto apresenta, mas, principalmente, pela potencialidade que possui para fazer pensar sobre a realidade que aborda.

O caminho teórico a ser percorrido para se chegar a terminologia “criação de objetos filosóficos” segue uma trajetória conceitual para que seja possível a sustentação prática de uma experiência filosófica em sala de aula. Assim, dentre os conceitos principais a serem explicitados e fundamentados temos: técnica, estética, obra e criação, trabalho, vida, ensino de Filosofia, ensino técnico e tecnológico. Estes conceitos serão apresentados adiante.

Sobre a técnica, essencialmente falando, o termo *técnica*, palavra que provém da língua grega, *téchne*, significa: ter conhecimentos na produção, ou seja, designa uma modalidade de saber e produzir, conduzir à sua manifestação, tornar acessível e disponível algo que ainda não estava aí como presente. Este produzir é o elemento próprio da técnica e se realiza de maneira singular através do desenvolvimento das modernas ciências matemáticas da natureza (Critelli, 2002).

Na sociedade atual, a técnica tem por finalidade o cálculo e o controle, e também busca assegurar os seus resultados. Isto acontece não apenas com os fenômenos naturais, mas no trato de todas as questões com que o homem contemporâneo tem que lidar, sejam eles científicos, econômicos, religiosos, sociais, pessoais, educacionais etc. Assim, o processo da técnica atualmente permanece sendo universalizado, porque serve a tudo e a todos indiferentemente, uma vez que, seus objetos povoam o mundo cotidiano e apresentam-se sempre já disponíveis para o manuseio. Manuseando-os, colocamos em andamento o próprio processo que os gerou. Usar os produtos da técnica é atualizar, dar vida à própria técnica (Critelli, 2016).

Em relação à estética, é tida como campo de estudo da Filosofia que reflete e permite a compreensão do mundo pelo seu aspecto sensível. *Aisthésis*, palavra da língua grega traduzida por percepção, sensação ou sensibilidade. Atualmente, este termo é considerado pelo senso comum como algo que se refere à beleza corporal e à forma. “Centro de estética e beleza”, “cuidados com a estética”, “estética facial” e “estética corporal” são algumas expressões usadas e não apresentam o caráter filosófico próprio do termo, visto muitas vezes como dissociado de uma ciência.

A estética [filosófica] estuda o julgamento e a percepção do que é considerado belo, a produção das emoções pelos fenômenos estéticos, bem como: as diferentes formas de arte e da técnica artística; as ideias de obra de arte e de criação; a relação entre matérias e formas nas artes. Embora esteja presente em toda a história da Filosofia, a designação “Filosofia da Arte” só veio a ser aplicada a partir do século XVIII, pelo filósofo Alexander Gottlieb Baumgarten, como a ciência filosófica que compreende o estudo das obras de arte e o conhecimento dos aspectos da realidade sensorial classificáveis em termos de belo ou feio.

Os conceitos de obra, trabalho e sua relação com a vida e a Filosofia como fatores para a criação de objetos filosóficos são sustentados a partir do pensamento de Hannah Arendt e Walter Benjamin, assim como autores de referência no ensino de Filosofia da América Latina, quais sejam, Alejandro Cerletti e Walter Kohan.

Sobre a obra, para Arendt (2018), todo e qualquer objeto ou obra existente no planeta, seja um bem de consumo ou não, se constitui em sua totalidade no artifício humano, ou seja, são infinitas e variadas coisas fabricadas pelas mãos de pessoas, aqui denominadas de *homo faber*, o ser humano que é capaz de fabricar bens, utensílios, máquinas e até robôs que já exercem atividades que antes eram exclusivamente humanas.

Nesses termos, sobre o viés qualitativo, os objetos fabricados pelo *homo faber* que possuem um modo especial de se manifestar não apenas por conta da sua capacidade de se manter durável por muito mais tempo em relação aos outros objetos, senão mais ainda porque geralmente são obras de arte criadas sem que haja a finalidade de serem consumidas, pelo menos em seu aspecto material. A estabilidade dessas obras também se mantém pelo fato de sua originalidade e autenticidade também se manter duradouros por muito tempo, e sobre isto reforça Walter Benjamin no ensaio “A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica”, quando afirma que “a autenticidade de uma coisa é a quintessência de tudo o que foi transmitido pela tradição, a partir de sua origem, desde sua duração material até o seu testemunho histórico” (Benjamin, 1987). Desse modo, mesmo que o autor de uma obra de arte venha a falecer, aquilo que ele criou pode permanecer vivo por um período muito longo, inclusive, torna-se imortal, comprovando assim, a durabilidade do artifício humano.

O motivo pelo qual a obra de arte pode permanecer imortal, uma imortalidade “alcançada por mãos mortais”, é a singularidade ou unicidade que ela possui, quer dizer, a unicidade da obra de arte é idêntica à sua inserção no contexto da tradição que, por sua vez, é algo de muito vivo, de extraordinariamente variável, por isso, era a unicidade da obra ou, em outras palavras, sua “aura”. (Benjamin, 1987).

Assim, a obra de arte é analisada em seu patamar mais sublime sobre a perspectiva da permanência e durabilidade independente dos efeitos da história e do tempo. A unicidade da obra é conceituada como “aura”, isto é, “uma figura singular, composta de elementos espaciais e temporais” (Benjamin, 1987), capaz de se estabelecer sempre autêntica, com existência única, apenas sendo modificada a percepção

estética que a tradição absorve nela. Nesse sentido, ainda segundo Benjamin, 1987, a obra de arte possui um valor de culto, porque em sua aura, em sua autenticidade e unicidade prevalece o valor de uso original e primordial, onde o espectador da obra percebe um ar de magia e até um efeito translúcido, independente da característica do objeto artístico - que pode “ser visto, soar e ser escutado, falar e ser lido”. O fato é que a percepção aurática da obra de arte perfaz o limite do individual, por causa do seu caráter estético-ritualístico, uma vez que, no passado – antes da era da reprodutibilidade técnica – a exposição à coletividade ainda não era possível. Ainda referente à obra:

É verdade que um objeto comum de uso não é nem deve ser destinado a ser belo; no entanto, tudo o que possui alguma forma e é visto não pode deixar de ser belo ou feio, ou algo entre belo e feio. Tudo o que existe aparece necessariamente, e nada pode aparecer sem ter forma própria; portanto, não existe de fato coisa alguma que de algum modo não transcenda o seu uso funcional, e essa transcendência, sua beleza ou feiura, corresponde ao seu aparecimento público e ao fato de ser vista. Pelo mesmo motivo, isto é, em sua mera existência mundana, todas as coisas também transcendem a esfera da pura instrumentalidade assim que são completadas (Arendt, 2018).

Percebe-se que a autora retoma a ideia de “obra” em seu sentido mais genérico, não para se distanciar do conceito de obra de arte que está sendo investigado, mas para inserir e enfatizar a questão da sua abertura ao público, ou seja, por mais qualificáveis como obras emblemáticas, as obras de arte, assim como os objetos fabricados pelas mãos do *homo faber* em geral, possuem a mesma característica universal do “aparecimento público”, depois que se finaliza o processo de fabricação.

Aqui existe a similaridade de ideias em Benjamin, quando em meio a revolução da era da reprodutibilidade técnica, ainda se referindo às obras de arte, afirma haver uma mudança na função da arte: “mas, no momento em que o critério de autenticidade deixa de aplicar-se à produção artística, toda a função social da arte se transforma. Em vez de fundar-se no ritual, ela passa a fundar-se em outra práxis: a política” (Benjamin, 1987). Do mesmo modo, ele continua: “à medida que as obras de arte se emancipam do seu uso ritual, aumentam as ocasiões para que elas sejam expostas” (Benjamin, 1987). Nesse aspecto, a obra de arte deixa de possuir um valor de culto e passa a ter um valor de exposição, ou seja, com a ajuda da política, no que se refere a publicidade dos fenômenos estéticos contemporâneos, não apenas as obras de arte, mas “todas as coisas” que são fabricadas, sejam elas “belas ou feias”, possuem esse valor de exposição, uma vez que, são destinadas e “correspondem ao seu aparecimento público e ao fato de serem vistas”.

Contudo, o que se pode retirar de prático dessas ideias para a realidade atual é um direcionamento do modo como o artifício humano ganha espaço no âmbito coletivo, uma vez que o espaço público influencia diretamente na construção de obras que possuam um teor democrático, no sentido de permitir que todos possam usufruir dos prazeres que ela proporciona. Desse modo, nos tempos atuais, toda forma de fabricação passou a ser também sinônimo de exposição, podendo chegar a um grande número de pessoas em questão de instantes. Isso por um lado talvez nem seja positivo, tendo em vista a massificação proveniente da indústria cultural com sua proliferação a partir do consumo exacerbado da informação; mas, por outro lado, e na contramão da cultura de massa, temos a democratização da cultura espontânea

de uma maioria da população que não possui privilégios, nem as condições mínimas para expor o que criam com sua própria inteligência e o que fabricam com suas próprias mãos.

Para Arendt trabalho e obra são distintos, pois o objetivo do homem que trabalha é a manutenção da sua vida, é a sua sobrevivência, enquanto que o homem que fabrica tem a oportunidade de “transcender” sua própria existência quando constrói algo que pode perdurar mais tempo que a sua própria vida gerando assim certa independência se comparado ao trabalhador.

O ser humano nasce e morre no e para o mundo, por isso, o desgaste do seu corpo físico serve de “alimento” para o planeta, o mundo dos homens, seu berço e seu túmulo; assim, a ideia marxiana de que a força de trabalho é “a maior e mais humana de todas”, tem aqui um limite quando “ficamos com a alternativa muito angustiante entre a escravidão produtiva e a liberdade improdutiva” (Arendt, 2018). Isso revela um tempo além do que Karl Marx previa quando imaginou a vitória da classe operária frente ao trabalho escravo, ou seja, uma sociedade livre do trabalho, porém, uma liberdade disfarçada, uma vez que o homem continuaria preso ao critério da necessidade como qualquer outro animal, porque surge outro problema de ordem social que vem assolar principalmente a sociedade contemporânea, o consumo, razão pela qual, quanto mais o trabalhador se emancipa dos grilhões de sua força de trabalho mais aumenta seu poder de consumo quando se trata de uma sociedade capitalista.

Quanto à obra, sua vitória frente à natureza é mais concreta do que a atividade do trabalho diante do mundo, pelo simples fato dela ser dependente da matéria em seu nascimento, porém, independente quanto ao seu futuro, que por sinal, é incerto e pode permanecer viva por gerações sem depender da força da natureza para desaparecer, pelo menos à longo prazo.

(...) a eliminação do trabalho do âmbito das atividades humanas já não pode ser considerada utópica. Pois, mesmo agora, trabalho é uma palavra muito elevada, muito ambiciosa para o que estamos fazendo ou pensamos que estamos fazendo no mundo em que passamos a viver (Arendt, 2018).

Chega-se a um estágio na humanidade em que a vida não se reduz mais a necessidade de trabalhar para sobreviver, mas trabalhar para consumir. Porque o *animal laborans* na época atual não se resume à sua força de trabalho, não vive mais fadado e fatigado pelo “trabalho de seu corpo”, mas se vê diante de uma sociedade presa ao ciclo vicioso do consumismo exacerbado. Assim, o poder alienante dos produtos e serviços oferecidos pelo universo capitalista hipnotizam as pessoas ao ponto de entrarem, mesmo sem perceberem, no jogo mercadológico da necessidade de trabalhar para que também possam consumir, enquanto àqueles que já possuem um determinado poder aquisitivo simplesmente já vivem induzidos a esse jogo.

Quando Arendt afirma que a era moderna é uma época “menos estável, menos permanente e, portanto, menos confiável” (Arendt, 2018), de certa maneira evidencia o advento da técnica e suas desvantagens quanto à humanização do trabalho, uma vez que, ao contrário do que os trabalhadores sempre buscaram, a tecnologia, a máquina, que poderia trazer certa sensação de libertação ao homem de

seu esforço físico, indubitavelmente, serviu para aumentar a produtividade, impor ritmos mais acelerados e uma disciplina do tempo e do esforço sem precedentes na história do trabalho.

Como se já não bastasse isso, a humanidade se vê agora entre uma via de mão dupla, ou seja, de um lado o trabalho pode ser pensado como possibilidade de liberdade ou realização e, de outro lado, pode significar alienação, frustração, submissão e até sofrimento. Além do mais, o fato de que a tecnologia se desenvolve bruscamente ao automatizar todos os setores onde a “mão humana” sempre esteve presente leva à diminuição da garantia de um trabalho digno de realização se concretizar; e o indivíduo em vez de se proclamar alguém livre e autônomo por estar dignificado pelo seu próprio esforço, na verdade, se vê inserido numa coletividade presa a obrigatoriedade de estar sempre empregada, ou melhor dizendo, uma sociedade fadada ao subemprego em massa e talvez até condenada a viver numa realidade opressiva e antissocial.

Nessa perspectiva, todo esse apoio teórico sobre a obra e o trabalho serve para sustentar as relações com a vida e a Filosofia e os fatores para a criação de objetos filosóficos. Desse modo, numa educação filosófica a vida não fica do lado de fora da educação, da escola, do pensamento... A filosofia afirma-se ao mesmo tempo como uma dimensão da educação e como uma forma de vida: assim, uma educação filosófica toca e afeta politicamente a vida – aumenta a potência de viver dos que dela participam a partir do exercício de pôr em questão, com outros e outras, o sentido da própria vida (Kohan, 2019).

Em relação ao processo de criação no ensino de Filosofia, Alejandro Cerletti afirma:

Em toda filosofia há algo de repetição e algo de criação. Algo de instalação na continuidade do que a história da filosofia exige e algo de aparecimento de elementos novos. O que definirá a potência de um filosofar é a preponderância dos elementos de novidade ante os de continuidade (Cerletti, 2009).

(...)

Será importante analisar, então, o que se pode ensinar em nome do pensar crítico e criativo. Mas, sobretudo, avaliar o que há – ou pode haver – de repetitivo e o que há de criativo em qualquer ensino de filosofia. Em função disso, deveremos refletir sobre o lugar que ocupa quem “aprende” filosofia, que protagonismo tem na própria aprendizagem e qual é a sua relação com quem lhe “ensina” (Cerletti, 2009).

Um dos desafios do ensino de Filosofia nos Institutos Federais, nesse sentido, é tornar o processo de criação e recriação uma iniciativa constante, uma luta incansável pela transformação do espaço acadêmico em comunidades de criação filosóficas buscando fazer dos estudantes seres autônomos.

EXPERIÊNCIAS COM OBJETOS FILOSÓFICOS EM SALA DE AULA

A proposta de criação dos objetos filosóficos para auxiliar na percepção de um olhar mais crítico sobre a relação da técnica voltada à ciência, tendo como ponto chave a inserção da estética filosófica, refere-se à organização de um evento expositivo pelos estudantes, que consiste na apresentação das suas ideias, trabalhos relativos à criação, construção, invenção de novos objetos ou à seleção e transformação de objetos já existentes, que irão ser definidos, destacados, questionados como “objetos filosóficos”.

Trata-se de um plano pedagógico-iniciático, de investigação, tendo como fim último uma certa consciência dos participantes no reconhecimento e definição do elemento filosófico. Este projeto incorpora, como sua dimensão principal, o registro da jornada de pesquisa dos alunos da concepção ao exame, da reflexão e troca de observações dentro do grupo ao planejamento e da realização dos objetos à apresentação e exposição. Nesse processo, a relação entre a filosofia e o conceito de construção, de representação e performance é enfatizada e pesquisada até certo ponto, conectando este projeto com formas de arte e discurso.

Esta experiência já havia sido constatada numa escola pública da rede estadual do estado da Paraíba⁷, uma escola em tempo integral de ensino médio/técnico, à qual pode ser consultada em Lucena (2020, pp. 101-160). Porém, a proposta foi realizada antes da pandemia do novo coronavírus, em novembro de 2019. Naquela época, sugerimos aos estudantes como proposta para criação das obras⁸, o seguinte tema: “O trabalho como realização ou como alienação?”, uma vez que, tratava-se de alunos que buscavam vaga no mercado de trabalho e possuíam muitas dúvidas e angústias com relação ao futuro profissional incerto.

Já a experiência atual seguiu-se de três modificações comparada com a anterior: primeiramente, a mudança do público alvo, que agora são estudantes da rede federal de educação tecnológica, o Instituto Federal de Alagoas, Ensino Médio Integrado⁹. Segundo, a instauração do Ensino Remoto Emergencial - ERE, em razão da pandemia, que nos obrigou a exercer as atividades acadêmicas no modo virtual, por meio de momentos síncronos (via plataforma do google meet), e momentos assíncronos (atividades enviadas pela plataforma SIGAA). E, terceiro, o professor sugeriu um novo tema para os discentes criarem os objetos, qual seja: “As tecnologias e o esvaziamento das experiências”.

Antes de propormos a atividade, tivemos aulas reflexivas/dialogadas que correspondiam aos conteúdos de filosofia da ciência e estética filosófica, os quais expomos conceitos filosóficos referentes à ciência, epistemologia, técnica, arte, indústria cultural etc. Esses encontros foram fundamentais para que os estudantes percebessem a importância da relação entre a técnica e a estética, bem como, sua vinculação com a ciência, transpondo assim as ideias de Deleuze e Guattari, quando afirmam que a ciência, a arte e a filosofia são as três potências de criação do pensamento, isto é, “pensar, é pensar por conceitos, ou então por funções, ou então por sensações, e qualquer um destes pensamentos não é melhor do que o outro, ou mais plenamente, mais completamente, mais sinteticamente ‘pensamento’” (Deleuze; Guattari, 1992).

⁷ O autor 1 foi professor de Filosofia na Secretaria de Estado de Educação da Paraíba.

⁸ Em 2019/2020, esse conceito de “obra” ainda estava em fase embrionária, ou seja, ainda não tínhamos uma referência clara do que seria um objeto, nem muito menos, os requisitos para serem considerados “filosóficos”. Por isso, naquele momento, preferimos utilizar o termo “obra”.

⁹ A razão dessa mudança foi que o autor 1 assumiu o cargo de Professor EBTT Filosofia do IFAL.

Ao propormos a criação dos objetos para os estudantes, pedimos que fizessem a leitura do texto “Experiência e Pobreza”, do filósofo Walter Benjamin, para em seguida refletirem sobre as tecnologias e o esvaziamento das experiências no momento pandêmico que passamos. Claro que antes disso fizemos um encontro para tratar dos detalhes do texto, expondo algumas impressões e percepções sobre a pandemia atual. Depois disso, marcamos um encontro para que eles apresentassem suas produções no momento síncrono (via plataforma do google meet).

Por questões de espaço, selecionamos a seguir apenas três exemplos de criações feitas pelos estudantes com suas respectivas imagens, materiais utilizados e citações deles transcritas a partir do acervo das mídias gravadas nos momentos síncronos:



Figura 1. Objeto N° 01. Fonte: imagem do acervo particular dos autores (2021)

Materiais utilizados: Madeira (foi cortado um pedaço de ripa); Lixas '80' e '120' para dar acabamento na madeira; Verniz Nogueira, para proteger a superfície; Furadeira (broca 3) para perfurar a madeira; Arame galvanizado (+/- 50 cm); Alicata de bico longo; Sacola plástica; Linha de costura; Tesouras.

Descrição do estudante:

O objetivo foi criado com base no pensamento de Henry Thoreau, onde segundo ele a felicidade é algo que não pode ser Caçado, como por exemplo uma simples Borboleta. O exemplo se torna perfeito aos olhos e ouvidos de quem já presenciou ou participou de uma Caçada por Borboletas, quanto menos movimentos, esforço, ela naturalmente vem até nós. O ser humano passa a maior parte de sua vida em busca de coisas que o façam se sentir bem, mas de que adianta correr atrás de um sentimento que necessita de corações calmos para se fazer presente? O dinheiro também pode ser incluído no assunto, pois é de fato correto pensar que o dinheiro não compra felicidade, basta observar o valor emocional que as pequenas conquistas perante muito suor derramado nos proporcionam. De nada adianta ter acesso a tudo e viver como se não tivesse nada. Que graça teria conseguir tudo o que queremos na velocidade em que esperamos? (mídia do acervo particular dos autores, 2121).



Figura 2. Objeto N° 02 (Frente e topo). Fonte: imagem do acervo particular dos autores (2021).

Materiais utilizados: foi criado à mão, utilizando argila e um espeto de madeira para os detalhes do rosto e do cérebro.

Descrição do estudante:

Tem como objetivo mostrar o vazio do lado esquerdo do cérebro do modelo causado pela pobreza de experiências, esse vazio é representado pela menor quantidade de rugas na superfície, o que, biologicamente, é sinal de um sistema nervoso menos desenvolvido (observado em animais com cérebros pequenos). O contraste vem do lado direito, onde observa-se claramente a presença das dobras e representa um cérebro rico em experiências de vida. A boca em formato de “X” representa o silêncio causado pelo cansaço mental que impede o compartilhamento efetivo de experiências. O vazio das experiências se dá, segundo o texto, por cansaço da humanidade, que muitas vezes “eles ‘devoraram’ tudo, a ‘cultura’ e os ‘homens’, e ficaram saciados e exaustos. “ Com isso, focam em um único plano simples, mas grandioso. “A natureza e a técnica, o primitivismo e o conforto se unificam completamente, e aos olhos das pessoas, fatigadas com as complicações infinitas da vida diária e que veem o objetivo da vida apenas como o mais remoto ponto de fuga numa interminável perspectiva de meios, surge uma existência que se basta a si mesma, em cada episódio, do modo mais simples e mais cômodo, e na qual um automóvel não pesa mais que um chapéu de palha, e uma fruta na árvore se arredonda como a gôndola de um balão”. (mídia do acervo particular dos autores, 2121).

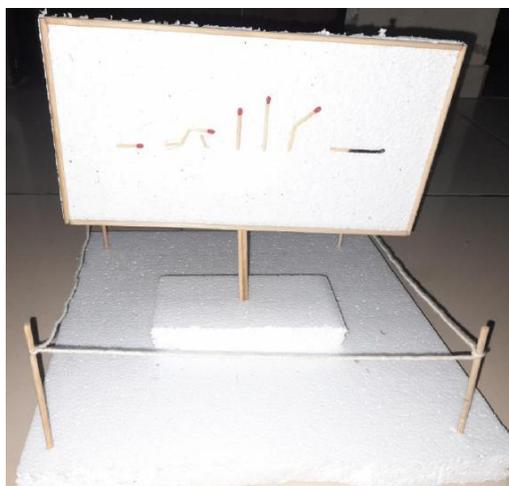


Figura 3. Objeto N° 03. Fonte: imagem do acervo particular dos autores (2021)

Materiais utilizados: palitos de fósforo; folha de isopor de espessura 25mm e 3mm; palitos de churrasco; barbante; cola de isopor.

Descrição do estudante:

Meu objeto retrata a tela de um computador feita com o isopor, onde os palitos de fósforos representam o ciclo de vida de uma pessoa. O barbante com a delimitação representa uma pessoa em que a vida dela está presa/limitada a essa tela, não apenas como forma de limitação, mas também para demonstrar como a vida dela é exposta, como se fosse uma exposição em um teatro, ou coisa parecida, sua vida é aberta para todo mundo sem observar que a sua existência está baseada nisso, numa tela, enquanto o tempo passa e ela não percebe seus ciclos de nascimento, crescimento, envelhecimento e morte. (mídia do acervo particular dos autores, 2121).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em contraste a essa proposta para o Ensino de Filosofia, vemos que a educação profissional e tecnológica é oferecida pelos Institutos Federais regulados pela lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, segundo a qual, no seu artigo 6º, inciso I, afirma que uma das finalidades é “qualificar cidadãos com vistas na atuação profissional nos diversos setores da economia, com ênfase no desenvolvimento socioeconômico local, regional e nacional”. Em certa medida, este dispositivo legal vem corroborar com a ascensão da chamada educação tecnicista tão criticada pelo pedagogo Paulo Freire no seu livro *Pedagogia do Oprimido*, onde apresentou e discutiu o conceito de “concepção bancária”:

Em lugar de comunicar-se, o educador faz comunicados e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção bancária da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los (Freire, 1970).

Desse modo, a proposta de criação dos objetos filosóficos apresenta uma abordagem onde o conhecimento é elaborado pelo estudante e promove a ligação entre suas experiências anteriores e expectativas futuras. Aqui os pressupostos de aprendizagem propõem a resolução de situações-problema, uma vez que busca conectar a realidade da vida e do mundo com as experiências reais dos estudantes e tenta transformá-las em conteúdos no processo de ensino-aprendizagem. Esta concepção pedagógica embasa o processo de criação dos objetos filosóficos para que haja a possibilidade de aprimoramento da técnica nos Institutos Federais.

Portanto, a partir das experiências constatadas em sala de aula, foi possível verificar que a criação de objetos filosóficos revelada na experiência estética do Ensino de Filosofia auxilia no aprimoramento da técnica dos Institutos Federais, pois trouxe à tona novas percepções do processo de apropriação do conhecimento da realidade pela sensibilidade, não apenas pela via da atividade intelectual, mas, principalmente, pela capacidade de criação dos discentes, evidenciada por habilidades como a imaginação,

a intuição e, notadamente, a fruição dos objetos criados por eles mesmos e contemplados por seus colegas de classe.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Arendt, H. (2018). *A Condição Humana*. 13. ed. Trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Benjamin, W. (1987). A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica. In: *Magia e Técnica, Arte e Política*. Ensaios Sobre Literatura e História da Cultura. Obras Escolhidas. 3. ed. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo, Brasiliense. Vol. 1.
- Brasil. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. *Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional*. Diário Oficial da União, Brasília, 23 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 19/05/2022.
- Brasil. Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008. *Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências*. Diário Oficial da União, Brasília, 29 de dezembro de 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111892.htm>. Acesso em: 19/05/2022.
- Brasil. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Versão Final. Brasília. 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf> Acesso em: 19/05/2022.
- Cerletti, A. (2009). *O Ensino de Filosofia como Problema Filosófico*. Tradução Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica.
- Critelli, D. (2002). Martin Heidegger e a essência da técnica. In: *Margem*, São Paulo, nº16, p. 83-89, dez.
- Critelli, D. (2016). A Técnica no Pensamento de Martin Heidegger. In: *Política*. São Paulo, v. 4, n. 2, pp. 25-35.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1992). *O que é a Filosofia?* Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muniz. Rio de Janeiro: Ed. 34.
- Freire, P. (1970). *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Lucena, J. A. (2020). *O filosofar como ação no ensino médio/técnico da ECIT: uma proposta baseada na teoria arendtiana da ação*. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade de Campina Grande, Centro de Humanidades. Campina Grande, 187. Disponível em: <[file:///C:/Users/JOSEGL~1/AppData/Local/Temp/JOSEGLE%20ANDRADE%20DE%20LUCENA%20%E2%80%93%20DISSERTA%C3%87%C3%83O%20\(PROF-FILO\)%202020.pdf](file:///C:/Users/JOSEGL~1/AppData/Local/Temp/JOSEGLE%20ANDRADE%20DE%20LUCENA%20%E2%80%93%20DISSERTA%C3%87%C3%83O%20(PROF-FILO)%202020.pdf)> Acesso em 10/05/2022.
- Kohan, W. (2019). *Paulo Freire, mais do que nunca: uma biografia filosófica*. 1. ed. Belo Horizonte: Vestígio.

Índice Remissivo

- B**
- BNCC, 34, 35, 36, 38
Brincar, 15
- C**
- Contato linguístico, 55
Covid-19, 25, 27, 28, 32
CT&i, 35
Cuiabá, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61
currículo, 35, 36, 37, 38
- D**
- Desafios, 59
- E**
- Educação, 14
Educação em Ciências, 120, 121, 123, 124, 125, 126, 130
Educação Física, 134, 138, 139, 140, 141, 142, 144, 146, 147, 148
Educação Infantil, 77
Ensino de Filosofia, 62, 74, 75
Escola, 81
Extensão universitária, 85, 86
- J**
- Jogos, 6
- L**
- Ludicidade, 14
- M**
- Migração, 56, 57, 60
modelos epistemológicos, 136, 138, 140, 146
modelos pedagógicos, 141, 143
Modelos Pedagógicos, 143
- N**
- Neoliberalismo, 48
- P**
- Pandemia, 26
Parasitoses, 87
Pesquisa em Educação, 120, 121, 125
produção de conhecimento, 138, 143
Professor, 14
- T**
- Tecnologias, 25, 28
TICs, 81, 82, 83

Sobre o organizador

  **LUCAS RODRIGUES OLIVEIRA**



Mestre em Educação pela UEMS, Especialista em Literatura Brasileira. Graduado em Letras - Habilitação Português/Inglês pela UEMS. Atuou nos projetos de pesquisa: Imagens indígenas pelo “outro” na música brasileira, Ficção e História em Avante, soldados: para trás, e ENEM, Livro Didático e Legislação Educacional: A Questão da Literatura. Diretor das Escolas Municipais do Campo (2017-2018). Coordenador pedagógico do Projeto Música e Arte (2019). Atualmente é professor de Língua Portuguesa no município de Chapadão do Sul.

Contato: lucasrodrigues_oliveira@hotmail.com.



Pantanal Editora

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000

Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil

Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp)

<https://www.editorapantanal.com.br>

contato@editorapantanal.com.br

